



A ilusão da desmaterialização: Reflexões a partir do caso dos mazione do Sul de Moçambique

The illusion of dematerialization: Reflections from the Mazione case of Southern Mozambique

Clayton Guerreiro*

Resumo: O artigo tem o objetivo de analisar a ilusão da desmaterialização em contextos religiosos a partir de uma abordagem material da religião. O texto resulta de uma pesquisa etnográfica nas igrejas Zione em Maputo, Sul de Moçambique. Argumenta-se que os processos de desmaterialização que ali ocorrem são protagonizados pelas interações entre os Mazione e missionários evangélicos. Também discute-se a ideia de que está em curso a disseminação de uma “magia civilizatória” de caráter colonial e de fundo racista que combate as chamadas “práticas tradicionais”, com base na suposta similaridade dos rituais das Igrejas Independentes Africanas com as praticantes de medicina tradicional.

Palavras-chave: Religião material. Desmaterialização. Moçambique. Mazione.

Abstract: This article examines the illusion of dematerialization within religious contexts through a material approach to religion. The study is based on ethnographic research conducted in Zione churches in Maputo, southern Mozambique. It argues that interactions between Mazione members and evangelical missionaries drive dematerialization processes in these contexts. Furthermore, the article explores the dissemination of a “civilizing magic” rooted in colonial and racist ideologies, which seeks to combat so-called “traditional practices.” This is premised on the perceived similarities between the rituals of African Independent Churches and those associated with traditional medicine. The analysis highlights the complex dynamics of religious transformation and the persistence of materiality in ostensibly dematerialized practices.

Keywords: Material religion. Dematerialization. Mozambique. Mazione.

Introdução

Um dos principais supostos da chamada “virada material” nos estudos da religião é o de que nenhuma prática religiosa pode prescindir de materialidade, embora não sejam poucos os sujeitos religiosos que se arrogam “desmaterializados” (Meyer; Houtman, 2019; Morgan, 2021). Ênfases em doutrinas e crenças e posições iconoclastas podem ser encontradas entre protestantes, católicos, muçulmanos e confucionistas, entre outros religiosos. Tais pretensões de imaterialidade muitas vezes têm ressonância no pensamento de teólogos, filósofos, cientistas da religião, historiadores, sociólogos e antropólogos que se deixaram enredar (propositalmente ou não) pelo que chamarei nesse texto de ilusão da desmaterialização.

* Contato: clayton.guerreiro@yahoo.com.br – ORCID: 0000-0002-1681-4557. Doutor em Ciências Sociais (UNICAMP, Campinas-SP). Pesquisador de pós-doutorado pela UNIFESP (São Paulo-SP).

Com base no diálogo com autores da Religião Material¹, tais como Birgit Meyer David Morgan, Brent Plate e Crispin Paine (Meyer et al, 2010)², a ideia de “desmaterialização” empregada aqui não converge com o pressuposto de que as religiões seriam “desmaterializadas” por si e tampouco considera ser possível a existência de religiões imateriais. Do contrário, a categoria visa nomear e compreender o conjunto de atitudes tomadas por certos religiosos que, ignorando a materialidade de suas próprias práticas, desconfiam, desvalorizam ou atacam as práticas dos “outros”, cujas materialidades consideram impuras, pecaminosas, fetichistas ou idólatras.

Assim sendo, me ocupo principalmente em entender as transformações estéticas baseadas em uma pretensão de imaterialidade no âmbito da “religião vivida” (Orsi, 2010)³. Faço isso a partir de uma pesquisa etnográfica junto a certos fiéis, pastores e profetas⁴ de diversas igrejas Zione nas cidades de Maputo e Matola, Sul de Moçambique, onde realizei trabalho de campo por oito meses entre 2018 e 2019.

A história das igrejas Zione remete ao trabalho do missionário congregacional John Alexander Dowie em fins do século XIX e começo do XX. Segundo a historiadora Joel Cabrita (2018), Dowie trabalhou na década de 1860 em Melbourne (Austrália), onde teria fundado uma forma embrionária das igrejas Zione. Já naquele momento a cura divina já se evidenciava como a principal característica das igrejas Zione, tornando o movimento atrativo para pessoas da classe trabalhadora, sobretudo mulheres, que procuravam resolver suas ansiedades concernentes à fertilidade e outras questões ligadas à natalidade.

Ao se transferir para os Estados Unidos, Dowie se fixou em Illinois, onde criou a Christian Catholic Church in Zion. Ele e seus seguidores ainda fundariam, em 1900, uma comunidade urbana utópica, Zion City, considerando que o lugar seria uma espécie de reino de Deus na Terra. Em contraste com a grande cidade de Chicago, tida por ele como degenerada e pecadora, por ser dividida entre trabalho e capital, nativos e estrangeiros e negros e brancos, a nova cidade seria uma espécie de “sociedade alternativa”, onde prevaleceriam a fraternidade e a harmonia entre todos. Ao ver da autora, ali estavam algumas das fortes evidências do cosmopolitismo racial do movimento.

A trajetória das igrejas Zione na África do Sul, lembra Cabrita (2018), remete ao fim do século XIX, quando o afrikaner Pieter Le Roux, membro da Dutch Reformed Church, passou a ter contato com a literatura produzida por Dowie (Leaves of Healing), tornando-se um missionário local da Christian Catholic Church in Zion. Em 1904,

1 Birgit Meyer (2012) considera que religião material é um pleonasmo, mas argumenta tratar-se de uma ênfase necessária até que os estudos sobre religião sejam materializados. Alguns textos de Meyer foram traduzidos para a língua portuguesa e publicados em um livro organizado por Giumbelli, Rickli e Rodrigo Toniol (2019).

2 Todos estão ligados à revista *Material Religion*, fundada com o objetivo de materializar o estudo da religião, isto é, compreender como a religião acontece materialmente, o que, segundo Meyer e Houtman (2019), se distingue da questão menos útil, que é entender como a religião se expressa na forma material.

3 Com a noção de “religião vivida”, Robert Orsi (2010) está interessado em compreender como a religião é moldada e molda diversos aspectos da vida cotidiana, prestando especial mais atenção ao mundo da vida e às experiências cotidianas do que ao que é oficial e doutrinariamente prescrito.

4 Os bispos, pastores e pastoras são os líderes das igrejas. Já os profetas/profetizas são responsáveis pelos tratamentos espirituais para fins diversos, como cura física e espiritual, proteção, abertura de caminhos, prosperidade, questões amorosas etc.

pouco tempo após o fim da Segunda Guerra dos Bôeres (1899-1902), Dowie enviou Daniel Bryant à África do Sul para fundar o primeiro templo de sua denominação no continente africano. O movimento se espalharia rapidamente, dividindo-se em diversas denominações, sendo uma das mais importantes a Zion Christian Church⁵, fundada por Engenas Lekganyane. A partir da África do Sul, a igreja se espalhou rapidamente para os países vizinhos, como Suazilândia (atual Essuatíni), Botswana, Zimbábwe, Zâmbia, Malawi e Moçambique. Nesse último país, a denominação se estabeleceu sobretudo por causa dos trabalhadores da mineração que se convertiam no país vizinho e retornavam como missionários em sua própria terra.

Como vimos até o momento, Cabrita (2018) presta especial atenção ao contexto histórico e destaca alguns detalhes da formação histórica das igrejas Zione. Embora a autora enfatize corretamente a centralidade da cura divina nessas igrejas, sua narrativa deixa pouco (ou nenhum) espaço para a materialidade dos rituais Zione, aspecto que é o principal tópico da minha discussão nesse artigo.

No que concerne a esse tema, qualquer pessoa que visite uma igreja Zione em Maputo (e talvez em outras cidades africanas) possivelmente irá notar o quanto a materialidade é um aspecto fundamental na composição dos rituais dos mazione, como são localmente chamados os participantes dessas igrejas. Instrumentos musicais de percussão, vestimentas, cordas, linhas, carvões, incensos, velas, facas, cruces, espadas de madeira, bengalas, batas, pinturas, plantas e outras coisas, de diversas formas cores e tamanhos, tornaram-se tão representativas que talvez seja difícil encontrar um moçambicano de Maputo que não reconheça um ritual mazione quando se depara com um.

Durante o trabalho de campo, minha atenção também foi capturada pela miríade de coisas empregadas nos rituais, as quais são fundamentais para a formação de uma “atmosfera religiosa” (Reinhardt, 2020) que propicia a cura divina. Entretanto, ao longo dos meses que estive em Maputo, notei que, em algumas igrejas Zione, tem ocorrido uma espécie de transformação estética. Nesse ponto, me inspiro no que propôs Meyer (2009, p. 6), que se liga menos a uma corrente kantiana que correlaciona estética e beleza na esfera artística do que ao conceito de *aisthesis* proposto por Aristóteles, cujo foco está na capacidade corpórea de perceber o mundo pelos sentidos. Nesse sentido, concordo com a autora em tomar *aisthesis* em referência à “nossa experiência sensorial total do mundo e nosso conhecimento sensível dele”.

Com base nessa discussão, é possível considerar que as igrejas Zione constituem “formações estéticas” (Meyer, 2009) que experimentam um processo de abandono ou apagamento de certos rituais e materialidades. Geralmente isso se efetua com a retirada de “coisas” consideradas “tradicionais” e sua substituição por elementos tidos como mais “modernos” ou “civilizados”. Além disso, proíbe-se o contato com os antepassados, associados ao trabalho dos tinyanga⁶ (nyanga, no singular), os praticantes de medicina tradicional que, além de utilizaram medicamentos tradicionais, geralmente trabalham

5 Zion é uma tradução do termo bíblico Sião, mas não tem relação direta com o sionismo judaico.

6 Os tinyanga se dividem em várias categorias, conforme sua atuação. Alguns deles fazem apenas uso de ervas. Outros trabalham empregam adivinhação. Finalmente, há os que também trabalham com possessão. Para uma análise detalhada dessas categorias e suas formas de atuação, ver Honwana (2002).

com adivinhação e contatam os mortos, sejam eles espíritos estrangeiros ou os familiares de seus pacientes (Honwana, 2022).

Alguns de meus interlocutores, evangélicos ou mazione, classificam os movimentos de “desmaterialização” como positivos, dizendo que está em curso uma “limpeza” ou “reforma” dos cultos dos mazione (Cavallo, 2013; Guerreiro, 2022). Conforme constatei *in locu*, esses processos geralmente ocorrem como efeito da influência de missionários e pastores evangélicos, que avaliam negativamente a suposta semelhança entre os rituais dos mazione e as práticas “tradicionais”, sobretudo quando se trata do contato com os antepassados, chamados por meus interlocutores de “defuntos” ou “vovôs”.

Diante disso, meu argumento é o de que estamos diante de processos de desmaterialização decorrentes da disseminação do que denominei – com certo grau de ironia – como “magia civilizatória”, uma ideologia de caráter colonial e de fundo racista que embasa as práticas missionárias de levar “civilização” e “modernidade” aos evangelizados, com pretensões de superioridade a tudo o que é considerado “africano” e “atrasado” (Guerreiro, 2022).

Como afirmei, minha concepção de “desmaterialização” não supõe ser possível um processo que decante as religiões, tornando-as imateriais. Do contrário, utilizo a categoria “desmaterialização” levando em consideração: o processo de apagamento de certas materialidades mormente associadas à tradição africana; a substituição de certas práticas e coisas classificadas como “tradicionais” por outras, tidas como “modernas” ou “civilizadas”; e o proposital “esquecimento” das materialidades protestante e pentecostal⁷, baseados em “ideologias semitóticas”, que resultam em pretensas “limpezas” e “reformas” nos cultos Zione.

Na primeira parte do artigo, buscarei descrever alguns rituais mazione, colocando especial acento em seus aspectos materiais e buscando evitar quaisquer dicotomias entre doutrina *versus* prática ou forma *versus* conteúdo. Na segunda parte, relatarei algumas experiências de contato entre as igrejas Zione e igrejas evangélicas. Já nesse momento, indico como os movimentos de aproximação entre as igrejas Zione e as igrejas evangélicas, baseadas em pretensões de “imaterialidade”, resultam em críticas aos rituais Zione e em transformações estéticas.

Materialidade e constrangimento nos rituais mazione

Enquanto os primeiros raios de sol refletem nas águas do Oceano Índico, alguns trabalhadores descem na paragem (ponto de ônibus) próxima à Praia Costa do Sol, em Maputo (Moçambique), deslocando-se para mais um dia de trabalho nas casas e apartamentos de luxo ou nas lojas do Shopping Baía Mall. Em poucos minutos, os trabalhadores assumem suas tarefas cotidianas, ao passo que os fiéis, pacientes e profetas/profetizas mazione que desembarcaram junto com eles atravessam a pista movimentada e passam a ocupar a faixa de areia reservada pela administração da cidade para a

⁷ Em Moçambique, assim como no Brasil, a categoria “evangélico” também é empregada para nomear igrejas protestantes e pentecostais.

realização de cerimônias religiosas diárias. Ali mesmo, diante de outras pessoas, os mazione trocam de roupa, substituindo seu vestuário básico – jeans, camisas, camisetas e vestidos – por capulanas⁸ ou batas coloridas com desenhos como cruzes, luas e estrelas, as quais funcionam como uma espécie de escudo para o corpo (Comaroff, 1985). As cores e os desenhos costurados são designados por profecias, conforme a necessidade da pessoa que busca tratamento espiritual e as orientações dos defuntos da famílias, os espíritos dos antepassados.

Figura 1: Profeta Zione utilizando seus trajes característicos.



Fotografia: Autor

Em geral, as cores determinadas pelas profecias são vermelho, amarelo, azul, verde, branco e castanho (marrom), combinadas em vários padrões. Há também inovações, como as cores roxo e rosa, porém o preto, associado ao luto, é uma cor proibida nos cultos Zione. Assim como Cavallo (2013), percebi que os significados atribuídos às cores variam bastante, conforme as igrejas e os profetas, mas que, em geral, designam os objetivos da profecia (paz, dinheiro, sangue, luta espiritual, relações de parentesco, roupas dos defuntos etc).

Muitos mazione também amarram à cintura uma corda de linhas coloridas de lã, chamada *xifungo*, a fim de se protegerem contra os maus espíritos. As mulheres cobrem a cabeça com lenços confeccionados com o mesmo pano da bata ou com capulanas.

⁸ Tecido retangular, de diversas cores, utilizado para confeccionar várias peças de roupa. Além disso, as capulanas são utilizadas como toalhas de mesa, de banho, para carregar bebês amarrados às costas de suas mães. Muitas mulheres moçambicanas amarram a capulanas da cintura para baixo (Assunção, 2018).

Certos homens usam um *kufi*, espécie de chapéu feito de pano, característico de algumas regiões dos continentes africano e asiático. Além das vestimentas, os crentes trazem muitas outras coisas para os rituais, como facas, velas, óleos, espadas, cruzes, cremes, ervas, raízes, cajados, apitos e um instrumento musical de percussão chamado de *xigubo* ou batuque (Cavallo, 2013).

Ao longo do dia, as areias da praia são preenchidas por corpos dançantes e suplicantes que se conectam a uma miríade de coisas visíveis e seres invisíveis – como o Espírito Santo, os *tinguluve* (espíritos do antepassados) e os *mimoja*, os espíritos maus convertidos em anjos – que compõem a experiência religiosa dos crentes mazione. Sejam as cerimônias baseadas no Antigo Testamento, pedidos de proteção aos antepassados, rituais de cura ou exorcismo de algum espírito mau, as coisas estão lá, propiciando interações múltiplas e complexas entre pessoas e espíritos.

Durante os cultos semanais nos templos Zione, geralmente localizados em zonas mais afastadas das regiões centrais ou nobres da cidade, as coisas utilizadas na praia também são fundamentais para as experiências de fiéis e pacientes que buscam tratamentos espirituais conduzidos pelos profetas e profetizas.

É assim, por exemplo, na igreja liderada pelos pastores mazione Enoque e Joaquina⁹, localizada no bairro Inhagoia. Antes de uma reunião semanal em sua igreja, o Pastor Enoque me advertiu que naquele dia haveria apenas estudo bíblico e que eu não deveria esperar uma quantidade grande de pessoas no culto. Segundo ele, as pessoas preferem os cultos nos quais são “ajudadas”, ou seja, em que recebem tratamento espiritual, e ignoram as reuniões em que se estuda a Bíblia.

A Pastora Joaquina vestia uma bata verde com cruzes e usava um *xifungo* pendurado no pescoço, enquanto o pastor Enoque trajava uma bata azul estampada com estrelas brancas. O estudo bíblico ficou a cargo da pastora, que discorreu sobre a história de Davi, o mítico rei de Judá. Enquanto Joaquina fazia sua prédica, semelhante a muitas que ouvi em igrejas evangélicas, uma adolescente adentrou o templo com uma pá contendo pedaços de carvão acesos (lume). Misturados com vela e incenso, os pedaços de carvão flamejante esfumaçaram todo o ambiente, impregnando nossas roupas e as partes expostas do corpo, como braços, mãos e cabeça. Segundo o pastor, o odor e a fumaça atingiriam os maus espíritos, expulsando-os do ambiente e dos corpos das pessoas presentes.

Ao contrário do que fora previsto antes da reunião, algumas pessoas passaram a se ajoelhar para receber ajuda. Uma mulher ajoelhou-se na esteira com uma vela nas mãos e recebeu a imposição de mãos do pastor Enoque. Em seguida, deixando a vela de lado, a moça foi coberta com uma capulana, deixando que a fumaça entrasse em seus poros e narinas, enquanto os fiéis, entre adultos e crianças, cantavam e dançavam ao som do *xigubo* tocado pela pastora Joaquina, formando um círculo ao redor do pastor e da paciente.

Na sequência, um casal de pacientes também ajoelhou-se na esteira com as mãos juntas, em sinal de oração, enquanto os pastores trabalhavam em conjunto no trançado de algumas linhas de lã, fazendo um *xifungo*. Depois disso, o pastor Enoque começou a orar, consagrando as linhas que seriam utilizadas pelo casal.

9 Todos os nomes de meus interlocutores são fictícios.

Figura 2: Imposição de mãos e utilização do xifungo para tratamento espiritual

Fotografia: autor

Há aqui pelo menos três elementos materiais importantes a serem nomeados e ressaltados: *xifungo*¹⁰, *bafo* e *diliza*. Como dito por Cavallo (2013, p. 77, 78; 2024, p. 817), os *svifungo* podem ser feitos de um só fio, com vários fios coloridos entrelaçados ou utilizando todas as cores dos rituais mazione, que os interlocutores da autora chamavam de *tichakatchaka*. Também podem ser amarradas na cintura (por cima ou debaixo da roupa), nos pulsos ou tornozelos. Uma de minhas interlocutoras, inclusive, sugeriu que muitas pessoas teriam problemas cotidianos em seguir as Igrejas Zione por causa dessa exigência. A seu ver, seria estranho, por exemplo, encontrar uma pessoa e, no momento da relação sexual, perceber que ela tem um *xifungo* envolvido na cintura.

Além disso, há profetas que amarram as cordas em coisas como bengalas, cruzes, facas ou espadas de madeira. No local de atendimento de um profeta de nome Dercio, por exemplo, notei três espetos e duas facas com linhas enterradas em um buraco, as quais ele tratava como uma “armadilha para espetar os feiticeiros” que o tentassem atingir. Algumas igrejas Zione chegam a pendurar o *xifungo* na porta de entrada do templo. As linhas, me disse a pastora Joaquina, seriam “simples” linhas quando estavam à venda no mercado. Porém, o ato ritual que segue a profecia dota-o de um “poder” especial capaz de purificar, abençoar, proteger ou expulsar os maus espíritos, causando um incômodo nos maus espíritos, que abandonam o corpo da pessoa possuída (Cavallo, 2013, p. 78).

10 A tradução literal para o termo *xifungo* (*svifungo*, no plural) é “juramento”.

Figura 3: Svifungo pendurados em uma Igreja Zione, bairro da Mafalala

Fotografia: Autor

Conforme a descrição Granjo (2009, p. 578), uma das formas de expulsar os espíritos indesejados, no âmbito da medicina tradicional, é o ritual do *kufemba*, que pode ser realizada com “fumigação com incensos específicos” ou com o *bafo*, que consiste em “uma espécie de sauna em que o paciente se senta, tapado, junto de uma panela em que ferve uma mistura de produtos vegetais e animais em que normalmente antes se banhou, ou se banhará em seguida”.

Já a *diliza* é uma dança característica das igrejas Zione com finalidades terapêuticas e protetivas, e consiste na formação de um círculo de fiéis e profetas, daí ser chamada de “roda da vida” em uma igreja que conheci na Matola. Enquanto a roda gira, certas pessoas fazem movimentos frenéticos, acelerando os giros sobre o próprio corpo em uma velocidade impressionante. Para Giulia Cavallo (2013, p. 35), a aceleração do movimentos teria o intuito de fazer com que os espíritos das pessoas se incomodem e manifestem “rapidamente e com mais probabilidade” (Cavallo, 2013, p. 250). Cabrita (2018), por seu turno, ressalta que esse tipo de ritual é nomeado de *siguco* na Suazilândia e que o dinâmico movimento envolvendo oração e dança tem o intuito de estimular a manifestação do Espírito Santo, de tal maneira que o profeta possa se sentir mais livre para profetizar sobre a causa e a cura da doença que está sendo tratada.

Depois de alguns minutos, os pacientes geralmente são postos no centro do círculo a fim de receberem imposição de mãos e a oração do profeta. Além das orações, alguns profetas dão golpes nos braços e nas pernas do paciente e torcem seu tronco de forma bastante intensa, às vezes com recursos a uma bengala. Em outros casos, o profeta mergulha o *xifungo* em um copo com água salgada e, em seguida, espreme a corda, de tal modo que o paciente deve beber a água ou ter seu rosto molhado. Para finalizar o ato terapêutico, o profeta ainda estica vigorosamente os braços ou bate nos joelhos de seus pacientes (Cavallo, 2013).

Se esses rituais nos cultos das quartas-feiras podem ser inconfundíveis para quem conhece as igrejas Zione, possivelmente os cultos dominicais não o são. Em um desses

domingos, saí com o casal de pastores e sua família para o templo e Inhagoia. Antes disso, o pastor havia me advertido que tratar-se-ia de uma ocasião especial, já que eles hospedariam um encontro com diversas outras igrejas que faziam parte de uma espécie de rede de colaboração. Para ser mais preciso, sete igrejas participaram do conclave religioso matinal.

Os encontros envolvendo estas igrejas são mensais e ocorrem alternadamente em cada um dos templos, ocasião em que se realiza um culto especial, com *xitique* e bate-mesa (referindo-se ao ato de colocar um dinheiro sobre a mesa). *Grosso modo*, trata-se de uma prática de poupança informal e crédito rotativo baseada na confiança mútua, em que cada pessoa ou organização participante colabora periodicamente com um valor mínimo estipulado.

Para o *xitique* daquele culto matinal, o valor mínimo era de 3.100 meticais (cerca de R\$ 200,00 à época), sendo arrecadados 46.000 meticais que foram ofertados para a igreja local, abaixo da meta de 50.000 meticais. Como Catarina Trindade (2015, p. 148) demonstrou em sua dissertação, a prática do *xitique* tem um caráter flexível, o que faz com que as pessoas que dele participam engendrem significados que ultrapassam a prática econômica, em “relações de intimidade, amizade e solidariedade” que fariam circular “o próprio dinheiro, família, informação, comida, presentes, casas e afectos”.

Semelhantemente ao que ocorreu em diversas ocasiões nos cultos Zione que participei, fui apresentado e convidado a saudar os presentes naquela manhã de domingo. Apesar do constrangimento que isso me causava, poucas vezes consegui escapar de falar algo ao público presente, geralmente explicando minha pesquisa, previamente autorizada pelo Estado moçambicano e pelos líderes da igreja.

Quando recebi a palavra, expressei o quanto me empolgava com as cores, ritmos e sons dos rituais dos mazione e citei como exemplo a *diliza* que houvera presenciado ali e em outras igrejas Zione. Em seguida, a fiel que dirigia o culto disse que eles iriam realizar a dança dali a alguns minutos, mas fora impedida pelo pastor Enoque que, agindo de forma discreta, mas não imperceptível, mudou os rumos da reunião. Mais tarde, porém, eu entenderia que cometi uma gafe, já que somente cinco das sete igrejas representadas eram evangélicas. Seria pouco provável que um ritual como a *diliza* fosse realizado diante de um público evangélico sem que isso causasse, no mínimo, algum constrangimento.

Diante disso e, antes de passar ao próximo ponto, convido o leitor para uma reflexão. Como um pastore ou missionário evangélico brasileiro – protestante ou pentecostal – se sentiria em uma cerimônia em que há *bafos*? E se o pastor evangélico presenciar um ritual de sacrifícios de animais? Essas práticas seriam classificadas por eles como verdadeiramente cristãs? Eles ainda estariam dispostos a cultuar com os mazione, conforme suas práticas rituais? Buscarei discutir essas e outras questões no item seguinte.

Desmaterialização e transformações estéticas

Na igreja dos pastores Enoque e Joaquina, o *xitique* é apenas uma das atividades que evidenciam as aproximações entre os mazione e os evangélicos. No dia do culto

mensal referido, os pastores das igrejas participantes se alternam nas pregações. Os bispos e pastores evangélicos pregam em igrejas Zione e os líderes mazione fazem suas pregações em igrejas evangélicas. Além disso, os clérigos dos dois grupos realizam outras atividades colaborativas, como seminários, estudos, compartilhamento de refeições e visita e auxílio financeiro aos pastores idosos e doentes.

Essa cooperação pode ser explicada em alguns aspectos. Primeiramente, é preciso fazer uma digressão histórica para explicitar como as relações entre ambos foram construídas. As igrejas Zione, como já sinalizado, estão distribuídas por diversas denominações e geralmente são nomeadas como Igrejas Independentes Africanas¹¹ (Sundkler, 1948; Agadjanian, 1999; Fry, 2000; Cavallo, 2013), assim como outras igrejas ao redor do continente africano. Cabrita (2018) ressalta, porém, que a origem das igrejas Zione está diretamente ligada aos movimentos de cura divina no seio do protestantismo na segunda metade do século XIX. A própria autora, aliás, classifica as igrejas Zione como protestantes, algo semelhante ao que ouvi de um bispo Zione em Maputo.

Em segundo lugar, ressalte-se que as igrejas Zione são elencadas como uma categoria à parte dos evangélicos ou protestantes nos censos¹² sobre religião em Moçambique. Embora autores como Cahen, Waniez e Brustlein (2002) chamem atenção para as imprecisões dos censos e a fluidez das identificações religiosas, poucos pesquisadores duvidariam de que há uma alteração significativa no contexto religioso do Sul de Moçambique. É possível que todos concordem ainda com a afirmação de Jonas Mahumane (2015) de que essa mudança deve-se principalmente ao aumento expressivo de igrejas pentecostais de origem brasileira¹³ nas cidades moçambicanas do sul nos últimos trinta anos. Além disso, destaco o recente surgimento de novas igrejas pentecostais e carismáticas comandadas por profetas moçambicanos e africanos de outros países.

Essas mudanças não consistem em simples abandonos de uma determinada igreja para a igreja concorrente. Como notei, há movimentos de saída e chegada das igrejas Zione e de outras religiões (evangélica, católica e muçulmana) e pessoas que mantêm uma dupla pertença. Há fiéis mazione que seguem frequentando as igrejas Zione e se identificam como evangélicos, assim como evangélicos que pertencem oficialmente às suas igrejas e buscam tratamentos espirituais dos profetas mazione. Certas igrejas Zione se transformam em igrejas evangélicas ou acabam assumindo características muito próximas dessas, sem abandonarem o nome Zione. Finalmente, há uma grande quantidade de pequenos templos evangélicos nas zonas mais afastadas da cidade de Maputo que são classificados pelos recenseadores como Igrejas Zione (Cavallo (2013).

Terceiro, embora certos bispos e pastores Zione participem de reuniões junto à Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique)¹⁴ ou colaborem em atividades ecumênicas, suas denominações não têm a mesma força econômica e política dos evangélicos

11 Para um debate sobre as categorizações Igreja Independente Africana ou igrejas carismáticas ou pentecostais, ver Meyer (2004).

12 O três últimos censos realizado em Moçambique foram 1997, 2007 e 2017.

13 Como as igrejas Universal do Reino de Deus, Deus é Amor, Mundial do Poder de Deus e Assembleia de Deus.

14 Partido no poder desde 1975, ano da independência de Moçambique.

e, por isso, precisam constantemente buscar por legitimidade religiosa junto ao Estado e à sociedade. A legislação moçambicana estabelece algumas regras para a abertura de novas denominações religiosas que muitas vezes extrapolam a capacidade financeira das igrejas Zione, como a exigência de formação teológica, um número mínimo de fiéis e a proibição de utilizar casas como templos. A primeira exigência geralmente depende da relação com os evangélicos. Uma vez que os mazione não têm instituições de formação teológica, seus pastores acabam se formando em seminários evangélicos, como foi o caso do pastor Enoque. A segunda norma, como me disse um pastor, pode ser compensada com igrejas que juntam seus membros e utilizam o mesmo registro, malgrado atuem de forma separada. A última regra muitas vezes é quebrada por fiéis e pastores que acabam realizando reuniões religiosas em suas casas, sem que haja maiores consequências.

O quarto e mais importante aspecto dessa tensa relação está diretamente relacionado ao tema desse artigo: a materialidade das igrejas Zione. Supostamente avessos aos aspectos materiais da religião, missionários brasileiros e pastores tendem a criticar severamente toda a parafernália mazione, associando as coisas à idolatria, ao paganismo e à feitiçaria¹⁵ e comparando os mazione com outros grupos historicamente discriminados, os quais são tomados como referências negativas nesses processos relacionais.

Aqui, cabe um breve parêntese apenas para ressaltar que as igrejas Zione parecem muito menos iconoclastas do que as igrejas protestantes e pentecostais do Sul de Moçambique. Há templos Zione cujos púlpitos são decorados com pinturas de Jesus Cristo ou que exibem quadros com imagens do rosto da segunda pessoa da Trindade, sem que isso possa ser visto como veneração de imagens, idolatria ou paganismo, como geralmente pensam os evangélicos moçambicanos e/ou brasileiros que atuam em Maputo.

Figura 4: Altar de uma igreja Zione



Fotografia: autor

¹⁵ Sobre o tema, ver: Eboussi-Boulaga (1981); Meyer (1999); Keane (2007); Latour (2010); Mbembe (2020); Morgan (2021).

Figura 5: Pintura no altar de uma igreja Zione

Fotografia: autor

Os rituais de contatos com os defuntos, o uso de ervas e raízes e os sacrifícios de animais são vistos como semelhantes ao trabalho dos *tinyanga* e comparados aos rituais das religiões de matriz africana no Brasil. O problema se torna ainda mais complexo porque os católicos e alguns protestantes locais, como presbiterianos, metodistas e anglicanos, são acusados pelos evangélicos de serem, no mínimo, complacentes com as práticas “tradicionais” dos membros de suas igrejas. Alguns padres e pastores protestantes chegam até mesmo a participar das cerimônias em homenagem aos falecidos, em rituais que envolvem danças e cânticos ao som do *xigubo*, refeições cerimoniais e diálogo com os defuntos.

As supostas semelhanças entre as práticas dos *mazione* e dos *tinyanga* acabam se tornando objeto de confusões, especulações e acusações. Autores como Sundkler (1948), informados por uma certa concepção cristã e enviesada, consideram que, quando de seu surgimento na África do Sul, as igrejas Zione teriam o objetivo principal de combater as chamadas práticas “tradicionais”, como o uso de medicamentos tradicionais e os contatos com os espíritos dos adivinhos. Contudo, elas teriam acabado por retornar ao suposto “paganismo” que caracterizaria os povos bantu.

Passadas algumas décadas desde que Sundkler (1948) fez tais afirmações, a complexidade dessas relações permanecem vivas na África Austral. Na Maputo contemporânea, há algumas igrejas que, assim como os *tinyanga*, fazem sacrifícios de animais e mantêm contatos com os antepassados. Entre os *mazione* que conheci em Maputo, muitos pastores, profetas e fiéis consideravam legítimos o contato direto com os antepassados e os sacrifícios de animais. Afinal, disse-me um profeta, os sacrifícios foram prescritos em Levítico e servem “para tirar a culpa dos antepassados”.

Por conta dessa relação próxima com os espíritos, não poucas vezes encontrei profetas que trabalhavam concomitantemente debaixo da orientação do Espírito Santo e dos seus “defuntos” ou “vovôs” e que eram capazes de contatar os espíritos dos antepassados dos seus fiéis e pacientes ou expulsar os espíritos estrangeiros ou maus

(*mademonio*) que os atormentavam. Me deparei com casos de profetas mazione que mantinham interações com os tinyanga e até mesmo aqueles que exerciam uma dupla função, atendendo seus pacientes em palhotas dedicadas aos espíritos, assim como os praticantes de medicina tradicional.

Mas há ainda igrejas que proíbem estritamente as relações com os defuntos, ao passo que mantêm outras práticas que os evangélicos associavam aos tinyanga, como por exemplo, sacrifícios de pombos, galinhas e cabritos (Fry, 2000; Cavallo, 2013). Esse é, por exemplo, o caso da igreja dos pastores Enoque e Joaquina.

Ocorre que, diferentemente de alguns profetas que admitem a semelhança com os tinyanga, o casal nega peremptoriamente tal relação. Quando os perguntei sobre o uso de coisas nos processos terapêuticos, meus interlocutores apelavam aos textos bíblicos, geralmente com base no Antigo Testamento.

Sobre o *xifungo*, a pastora Joaquina me lembrou da passagem bíblica no livro de Josué, sucessor de Moisés. Durante a invasão da cidade de Jericó, o general hebreu fizera um combinado de salvar Raabe, um moradora local, em retribuição ao seu auxílio na hospedagem dos espias que precederam a entrada do exército. Para que fosse poupada junto com sua família, a mulher deveria manter-se dentro de casa e pendurar um cordão vermelho (fio de escarlata) na janela de sua casa, sinalizando que ali os soldados não poderiam invadir ou matar alguém. Sobre o uso de sal nos rituais, o casal justificava com textos bíblicos que dizem que as ofertas devem ser “temperadas com sal”.

Quanto ao sacrifício de animais, Joaquina e Enoque jamais citaram a semelhança com os rituais feitos pelos tinyanga, como *kupahla*, *mhamba*¹⁶ ou *gandzelo*¹⁷ (Junod, 2009 [1912]); Honwana, 2002; Granjo, 2008). Do contrário, as cerimônias eram sempre associadas aos holocaustos feitos na Bíblia, geralmente no Antigo Testamento.

Uma cerimônia de purificação de um bebê, realizada na casa dos fiéis Zione pastoreados por eles, ilustra esse ponto. A cerimônia fora conduzida pela pastora Joaquina e contou com distintos momentos (não necessariamente nessa ordem): orações, pregação, músicas, saída da mãe com o bebê da residência, oferta de presentes, falas de parentes e amigos.

Dois aspectos chamaram minha atenção no ritual. Primeiro, as orientações da pastora para que se cumprisse um sacrifício (holocausto) que, segundo ela, estaria estritamente baseado no texto bíblico. Aliás, o mesmo que os evangélicos utilizam para condenar os Zione. Reproduzo abaixo um trecho de sua fala:

Depois de purificar-se o bebê, a mamá deverá ficar 2 semanas para depois fazer a cerimônia de holocausto para que a criança possa entrar na casa do senhor. Se assim não o fizer, é porque ainda não cumpre com as leis de Deus. Somos muitos com denominações diferentes, mas as coisas da qual falamos estão na Bíblia. [...] Para o holocausto (*ghandzelo*), devemos ficar 66 dias. Papá, prepare-se a partir desse momento para que se possa fazer o holocausto. Se não conseguireis comprar uma ovelha

16 *Kupahla* e *mhamba* são rituais de contato com um antepassado falecido, em que se pede autorização para uma empreitada, proteção ou sorte. Esquecer de um parente falecido por implicar em sérias consequências negativas para a vida de uma pessoa.

17 *Gandzelo* refere-se à árvore sagrada dedicada aos antepassados e ao altar dedicado a eles (Junod, 2009 [1912]).

ou um cordeiro, podes comprar 2 pombinhos ou 2 rolinhas. Faça-se uma gaiola para que, assim que os pombos entrarem, os tranque. Porque a Bíblia não exige dinheiro. Apenas pombinhos ou duas rolinhas. Essa é a lei (Trecho do diário de campo, 7 de julho de 2019)

Um segundo ponto é que o pastor Enoque usou a palavra para justificar o “trabalho de Zione”. A seu ver, conquanto houvesse um certo medo em torno dos Zione e alguns fiéis ficassem constrangidos com sua identificação religiosa, ali estava um antropólogo brasileiro (eu, no caso) para aprender com eles, demonstrando que não se deve ter medo de seus cultos e cerimônias.

Com efeito, sua fala coincide com alguns aspectos que gostaria de ressaltar. Em Maputo, sempre que eu dizia que estava realizando pesquisa com os mazione, ouvia advertências (sobretudo de evangélicos) para tomar cuidado, pois “aqueles” fariam “magia” e seriam “feiticeiros”, “bruxos” ou “macumbeiros”, repetindo, assim, algumas categorias acusatórias semelhantes às que são utilizadas para deslegitimar as religiões de matriz africana no Brasil.

O medo relatado por Enoque coincide não somente com o que eu ouvia sobre os mazione, mas com outras questões práticas, como, por exemplo, o fato de muitos tratamentos oferecidos por eles serem realizados à noite, nas residências, ou ao raiar do dia, como nas cerimônias que presenciei na praia. Isso é geralmente mais comum no caso de pacientes brancos, mestiços ou indianos, com pessoas de classe média ou da elite, ou nas ocasiões em que os profetas são procurados por pessoas de outras religiões – como Catolicismo, Islamismo, Igreja Presbiteriana, Igreja Universal e Assembleia de Deus.

O fato é que, se no âmbito da “religião vivida” em Maputo, pessoas de todas as religiões buscam os tratamentos oferecidos pelas igrejas Zione, a tendência mais geral é de especulações aos seus trabalhos. Essas críticas, em geral, relacionam-se com o que estou chamando de ilusão da desmaterialização.

Como sinalizei na introdução, minha concepção de “desmaterialização” é devedora de uma abordagem material da religião e concorda com a ideia de que “desmaterialização” é “uma operação semiótica que minimiza ou ignora a materialidade, colocando-a em oposição a espiritualidade e estabelecendo o antagonismo entre a religião e as coisas” (Meyer; Houtman, 2019, p. 94, 95). Conforme Morgan (2021, p. 181, 182), esse tipo de operação volta-se para “a crença como um estado interior, mental ou volitivo” e desencadeia a suposição (fictícia) de que é possível reduzir as religiões às “ideias e palavras”.

Tanto Meyer e Houtman quanto Morgan dialogam diretamente com Webb Keane (2007) para argumentar que uma “religião imaterial” nada mais é do que uma ficção, uma espécie de “ideologia semiótica” mobilizada por certos religiosos para justificar seu suposto rechaço à materialidade. Em linhas gerais, Keane (2007) cunhou o conceito para abordar as suposições subjacentes das pessoas a respeito das palavras, coisas ou signos. Quais são suas funções? O que eles podem ou não fazer? Que consequências podem ou não produzir? Como palavras, coisas ou signos interferem nas relações entre agentes humanos e divinos?

Os proponentes da Religião Material costumam analisar a “desmaterialização” a partir de dois vetores, não necessariamente apartados um do outro. De um lado, buscam analisar as teorias que desmaterializam a religião. De outro, se debruçam sobre

as suposições de imaterialidade dos religiosos que baseiam determinadas práticas. A meu ver, essa ilusão da imaterialidade tem sido espalhada entre um grupo crescente de igrejas Zione que buscam distinguir-se de seus pares e quase se confundem com as novas igrejas pentecostais que crescem em Maputo.

Cito aqui dois exemplos, nesse sentido. O primeiro é o caso do bispo Simeão. Assim como o pastor Enoque, ele havia estudado em um seminário evangélico em Maputo, onde ele conta ter aprendido com os professores que suas práticas – profecias, rituais de cura e relações com os antepassados – desagradavam a Deus. Inclinado inicialmente a fazer uma transformação radical em sua igreja, transformando-a em uma igreja evangélica, ele foi aconselhado pelo diretor do seminário a manter o nome Zione e realizar mudanças significativas nos cultos religiosos. Em uma de nossas conversas, ele relatou que a transformação pretendida era uma “limpeza” que tornaria sua igreja “civilizada” e distante da “tradição africana” (Guerreiro, 2022). É difícil não perceber que a noção de “limpeza”, nesse contexto, supõe que o que é africano está carregado de sujeira, uma concepção de fundo colonial e racista que até hoje parece prevalecer em certas missões religiosas que atuam em África¹⁸.

A limpeza da “tradição” tem, portanto, um propósito evidente: tornar a igreja cada vez mais evangélica e menos Zione. Conforme Simeão me relatou, ele não se sentiria bem se um pastor de outra denominação chegasse em sua igreja para pregar e visse um templo decorado com velas, repleto de pessoas sem sapatos, a dançar ao som do batuque (*xigubo*), enquanto se oferece “ajuda” e se pede por saúde aos espíritos dos mortos. Por esse motivo, ele já havia feito algumas mudanças e providenciava outras. Em lugar do *xigubo*, por exemplo, ele esperava utilizar somente um piano (teclado eletrônico) que reproduzisse o som dos tambores, juntamente com caixas de som e microfones e outros aparelhos eletrônicos. No bojo do que denominei “magia civilizatória”, ele retirava as coisas “tradicionais” e esperava “civilizar” ou “modernizar” sua igreja (Guerreiro, 2022).

O processo de desmaterialização também atinge igrejas que atualmente já não se classificam como Zione, como é o caso da Igreja Amados por Cristo, denominação frequentada pela mãe de um interlocutor próximo, Augusto. Seu caso é bastante interessante, já que o jovem é membro da Igreja Deus é Amor em Maputo, mas declara- um calvinista convicto e apreciador da doutrina bíblica.

A igreja deixou de ser Zione em 2016, quando o pastor Alberto recebeu uma revelação do Espírito Santo, que o orientou a incentivar a leitura da Bíblia entre os fiéis. Abandonada a estética mazione – com sacrifícios de animais, contatos com os antepassados, usos do *xigubo*, do *xifungo*, capulanas, velas e cruzeiros –, restaram paredes brancas, cadeiras de plástico, microfones, caixas amplificadoras e Bíblias, as mesmas que eles usavam quando se identificavam com os mazione.

Mesmo não sendo membro daquela igreja, Augusto mostrava-se empolgado com a mudança que ali ocorreria, dizendo ter havido uma “reforma” decorrente da leitura da Bíblia¹⁹. A mesma “ideologia semiótica” protestante que embasava as mudanças talvez

18 Sobre o tema, ver Flikke (2001).

19 Curiosamente, sua concepção se aproxima de outras igrejas africanas que rejeitam a “materialidade de Bíblia”, como a Friday Masowe Church, do Zimbábue (Engelke, 2007).

não o fizesse notar o quanto de materialidade havia naquele processo que ele e outros interlocutores consideravam civilizados, modernos e imateriais.

Conclusão

Esse texto propôs uma discussão sobre processos de desmaterialização em contextos religiosos. A ideia de desmaterialização não supõe, em absoluto, a existência de religiões imateriais, uma ilusão que, como discutido, está baseada em supostos ideológicos semióticos.

Minha discussão partiu da análise dos aspectos materiais dos rituais das igrejas Zione em Maputo, Sul de Moçambique, e da constatação de que, em certas congregações, existem processos de transformação estética decorrentes das relações com outras igrejas evangélicas (protestantes ou pentecostais). Notei que, em certas igrejas Zione, há situações de ocultação ou apagamento de materialidades que, em geral, são associadas à “tradição”. Alguns de meus interlocutores mantêm uma relação ambígua com os evangélicos, o que os permite transitar em diversos ambientes. Mesmo tecendo críticas a certos cultos Zione e se aproximando dos evangélicos nos rituais dominicais, alguns deles parecem não aderir completamente aos supostos de imaterialidade e seguem praticando os rituais nos quais foram instruídos. Outros, porém, consideram que ser evangélico é se converter a uma religião espiritual e imaterial, embora as evidências materiais, atinentes a todas as religiões, provem o contrário.

Referências

AGADJANIAN, Victor. As Igrejas ziones no espaço sócio-cultural de Moçambique urbano (anos 1980-1990). Lusotopie, 1999.

ASSUNÇÃO, Helena Santos. Falar e guardar segredo: as capulanas de Nampula (Moçambique). Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

EBOUSSI-BOULAGA, Fabien. Christianisme sans fétiches. Révélation et domination. Présence africaine: Paris, 1981.

CABRITA, Joel. The people's Zion: southern Africa, the United States, and a transatlantic faith-healing movement. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2018.

CAHEN, Michel; WANIEZ, Philippe; BRUSTLEIN, Violette. Pour un atlas social et culturel du Mozambique. Lusotopie, p. 305-362, 2002.

CAVALLO, Giulia. Curar o passado: mulheres, espíritos e “caminhos fechados” nas igrejas Zione em Maputo, Moçambique. Tese (Doutorado em Antropologia). Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.

CAVALLO, Giulia. Uma etnografia gráfica como forma de afeto e de memória: aflições, espíritos, e processos de cura nas igrejas Zione em Maputo. Etnográfica. v. 28, n. 3, p. 803-823, 2024.

COMAROFF, Jean. *Body of Power, Spirit of Resistance. The Culture and History of a South African People*, Chicago: University of Chicago Press, 1985.

ENGELKE, Matthew. *A Problem of Presence. Beyond Scripture in an African Church*. Berkeley: University of California Press, 2007.

FLIKKE, Rune. *Curing the ills of history: from colonial public health to hygiene and healing in contemporary South African independent churches*. PhD Thesis, University of Oslo, 2001.

FRY, Peter. *O Espírito Santo contra o Feitiço e os espíritos revoltados: civilização e tradição em Moçambique*. Mana, 2000.

GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo (Orgs.). *Como as coisas importam: Uma abordagem material da religião – textos de Birgit Meyer*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019.

GRANJO, Paulo. *Dragões, régulos e fábricas: espíritos e racionalidade tecnológica na indústria moçambicana*. *Análise Social*, vol. XLIII (2.º), p. 223-249, 2008.

GRANJO, Paulo. *Saúde e Doença em Moçambique*. *Saúde e Sociedade*. São Paulo, v.18, n.4, p. 567-581, 2009.

GUERREIRO, Clayton. “Universal é mazione”: *Magia civilizatória e relacionalidade em torno das igrejas brasileiras em Maputo, Sul de Moçambique*. 314f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022.

HONWANA, Alcinda. *Espíritos Vivos, Tradições Modernas: Possessão de Espíritos e Reintegração Social Pós-Guerra no Sul de Moçambique*. Lisboa: Promédia, 2002.

JUNOD, Henri. *Usos e Costumes dos Bantu*. Campinas, IFCH/Unicamp, 2009.

KEANE, Webb. *Christian Moderns: Freedom and Fetish in the Mission Encounter*. Berkeley: University of California Press, 2007.

LATOUR, Bruno *On the Modern Cult of the Factish Gods*. Durham, N.C.: Duke University Press, 2010.

MAHUMANE, Jonas Alberto. “Marido Espiritual”: *Possessão e Violência Simbólica no Sul de Moçambique*. Tese (Doutorado em Antropologia). Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2015.

MBEMBE, Achile. *Brutalisme*. Paris: La Decouverte, 2020.

MEYER, Birgit. *Translating the Devil: religion and modernity among the Ewe in Ghana*. Edinburgh University Press, 1999.

MEYER, Birgit. *Christianity in Africa: From African Independent to Pentecostal-Charismatic Churches*. Vol. 33: 447-474. *Annual Review of Anthropology*, 2004.

MEYER, Birgit. From Imagined Communities to Aesthetic Formations: Religious Mediations, Sensational Forms, and Styles of Binding. In: MEYER, Birgit. *Aesthetic Formations. Media, Religion, and the Senses*. New York: Palgrave Macmillan, 2009.

MEYER, Birgit. *Mediation and the Genesis of Presence: Towards a Material Approach to Religion*. Universiteit Utrecht. 2012.

MEYER, Birgit; HOUTMAN, Dick. *Religião material: como as coisas importam*. In: GIUMBELLI, Emerson; RICKLI, João; TONIOL, Rodrigo (Orgs.). *Como as coisas importam: Uma abordagem material da religião – textos de Birgit Meyer*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2019.

MEYER, Birgit; MORGAN, David; PAINE, Crispin; PLATE, Brent. *The Origin and Mission of Material Religion*. *Religion*, v. 40, n. 3, 2010.

MORGAN, David. *The thing about religion: An introduction to the Material Study of Religious*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2021.

ORSI, Robert. *The Madonna of 115th Street: Faith and community in Italian harlem, 1880-1950*. Yale university press. Third edition, 2010.

REINHARDT, Bruno. *Desagregando a mediação: tecnologias e atmosferas religiosas*. *Mana* 26(2): 1-33, 2020.

SUNDKLER, Bengt. *Bantu Prophets in South Africa*, London: Lutterworth, 1948.

Recebido em: 30/06/2024.

Aprovado em: 01/11/2024.

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editor responsável: Patrícia R. Souza.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processos n. 2017/24663-0, 2019/21237-5 e 2022/08123-3. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da FAPESP.